



João Paim Vieira

# O Triunfo dos golfinhos

Nos primeiros anos depois do 25 de Abril gastou-se o dinheiro todo que havia e dois terços do ouro que Salazar tinha deixado.

Depois veio a primeira falência bem gerida por Mário Soares e pelo FMI.

Seguiram-se trinta anos de forrobodó crescente que acabou há alguns anos com um estouro tal que o vamos pagar para sempre.

A Autonomia foi-se instalando, cumprindo o que de longa data diziam os autonomistas: serem os açorianos a administrar os Açores para todos viverem melhor.

E contudo, passados mais de quarenta anos de autonomia e imitando a ficção de Orwell, todos os açorianos são iguais, mas há alguns bem mais iguais que os outros.

É o triunfo dos golfinhos, espécie protegida que come o que quer dos recursos existentes e toma para si a totalidade da mesada que a República dá à Região.

Este ano, as despesas com os mais de trinta mil golfinhos públicos só em ordenados excedem os 300 milhões da contribuição do Estado para a nossa "Autonomia", quase um milhão por dia.

Claro que há mais. Há os impostos, boa parte dos quais é gerada por aquela mesada, e claro que parte deles é usada para ajudar um pouco aqueles que não têm a sorte de serem golfinhos.

Mas que fique claro que estes ficam no limiar da sobrevivência agarrados aos rendimentos mínimos e aos programas de "emprego", enquanto os outros florescem.

E é muito triste que isto aconteça a uma ideia tão bonita, mobilizadora e legitimada como era a da Autonomia pelo menos naquela altura.

Porque a verdade é que a legitimidade da Autonomia já teve melhores dias.

Passados menos de dez anos, em 1984, já o partido mais votado tinha perdido o acordo da maioria da população.

E a base de apoio da actual governação não chega a um quinto dos açorianos.

E ainda sobre a legitimidade se dúvidas houvessem os resultados verdadeiros das europeias são:

Eleitores Açorianos: 229046, PS: 17494 - 7,6%, PSD: 8849 - 3,9%, BE: 3195 - 1,4%, CDS: 2801 - 1,2%, Abstenção: 186195 - 81,3%

E depois deste desastre, o destino ainda se encarniçou sobre os Açores ao fazer desaparecer o que de positivo tiveram estas eleições, o "nosso" único deputado ao PE.

Nas Legislativas foi um desastre um pouco menor:

Eleitores Açorianos: 228954, PS: 33472 - 14,6%, PSD: 25249 - 11,0%, BE: 6661 - 2,9%, CDS: 4014 - 1,7%, Abstenção: 145389 - 63,5%.

Depois disto, uns acharam que se devia pagar a quem fosse votar, outros que se devia castigar quem não fosse.

Mas pagando tem sido a constante da Autonomia e mesmo assim eles não mordem a mão de quem lhes dá de comer, mas se nem se dão ao trabalho de ir votar isso deixa a presunção democrática do regime e a possibilidade de alternância em maus caminhos.

Porque não antes repetir as eleições todas as vezes em que menos de metade votasse, até que os políticos fossem capazes de interessar as pessoas pelas suas propostas?

Passados mais de quarenta anos de Autonomia, um terço dos açorianos vive de bem a muito bem

com o dinheiro que se destinava a todos, outro terço vai prosperando e muito bem à custa da sua iniciativa e das empresas que foi criando e, finalmente, o último terço depois de anos espalhado por vários recursos e actividades está hoje quase abandonado, à sua sorte, com rendimentos médios inferiores a metade do dos golfinhos e de muitas vacas produtivas ou não.

E são pescadores e trabalhadores das pequenas lavouras, dez mil que trabalhavam na construção e quase oito mil que até gostariam de ter trabalhado e nem tiveram hipótese disso.

E pior mesmo é ter trabalhado mesmo ganhando pouco, ter tido uma vida e deixar de a ter.

Claro que a culpa foi da crise, ou pelo menos é o que dizem.

E com a crise vieram os cortes. E o que fez a Autonomia?

Compensou os golfinhos pelos cortes e embolsou e gastou o dinheiro dos cortes dos outros todos que viviam e trabalhavam nos Açores, mesmo dos de origem açoriana e incluindo os milhões da redução do diferencial fiscal.

E os dinheiros da UE por onde andam?

Parece que 30 entidades entre privadas e públicas fazem parte das orças, que são animais ainda mais protegidos que os golfinhos, e engolem 70% dos dinheirinhos de Bruxelas com fraca reprodutividade na riqueza (colectiva que não a deles) e no emprego ou até com uma enorme transformação em rendas do que devia ser para investimento.

Não é por acaso que a base industrial dos Açores é hoje menos diversificada do que há quarenta anos e contribui menos em percentagem para a vida dos açorianos.

E que os sectores mais activos e participantes da economia criada por esta Autonomia e do PIBA (devia chamar-se antes PIMBA) são o comércio e reparação de automóveis (basta ver os oceanos de carros à beira da estrada e sempre a chegar nos navios, grande contribuição para um ambiente melhor) e o comércio de imóveis, ambos com mais movimento que tudo que pensamos serem os pilares da nossa economia.

E muitos ainda se queixam que nada produzem, porque não os deixam produzir e que se passam anos sem verem uma única inspeção aos seus "empresendimentos".

E há ainda uma grande vantagem nesta administração desmesurada e gigante dos Açores pelos golfinhos (que nem sei se são a mais ou a menos, tenho é a certeza que faltam muitos em sectores fundamentais da saúde e educação e há demasiados em lugares de conforto partidário e familiar e nas modas ambientais e turísticas).

Não há uma casa, palácio, convento, quartel ou seja o que for bonito, bom e tradicional nestas ilhas que não esteja ocupado pelos golfinhos da cave até ao sótão.

Quando a gente pensa que as obras, quase sempre com os tais fundos comunitários, são para nós eis, que mais um bando de golfinhos tudo ocupa.

Foi assim na casa de praia dos Dabney, na Horta, em que nos deixaram as cavalariças, na Biblioteca de Angra, em que o edifício novo a meter água ficou para nós e o Palácio da colónia açoriana em S. Tomé ficou para eles, etc., etc., etc.. Por todas as ilhas a nova nobreza instalou-se nos lugares da velha "nobreza".

E alguns desses "investimentos" de fora, realizados apenas porque lhes dão milhões de euros dos

fundos comunitários de todos nós e eles só tem de lá pôr 15 % (ou algumas vezes nada), poderão ter motivações muito viradas para a boa vida dos golfinhos.

Veremos se o Hospital privado em construção na Lagoa tem alguma mais-valia para a saúde do cidadão açoriano comum ou se se destina apenas a evitar as permanentes deslocações dos golfinhos aos Hospitais da Cuf, dos Lusíadas e muitos outros.

Se o SRS e o SNS são tão bons (e até são em muitas coisas), porque nunca os vemos a sair ou entrar, a tratar-se nos Hospitais do comum dos mortais?

Entre o Hospital e o Hotel Hilton, o nosso dinheiro que damos a estes "Investidores" - entre outras coisas porque "investem" menos que nós mas ficam com o capital todo - dava para pagar todas as operações em atraso no SRS e ainda restava muito.

Em vez de pagarmos a saúde dos pobres financiámo-los a dos ricos.

Claro que também é verdade que a vida de muitos melhorou, que os números "oficiais" do desemprego já não são nada do que descrevo e que também há muitos e bons projetos e execuções de fundos comunitários que até manifestam a vergonha que tem de estarem misturados com os outros, mal seria se assim não fosse com os milhares de milhões que aqui caíram nestes 40 e tal anos.

Mas estamos longe de sermos verdadeiramente autónomos, muito menos podemos ter quaisquer veleidades de independências, em que o nível de vida cairia imediatamente para menos de dois terços do actual.

E parecemos pedintes sempre de mão estendida a exigir o "nosso" e a maior parte das intervenções centra-se no que entendemos que temos direito ou nos tiraram ou deram a menos, em vez de se centrarem na necessidade de criarmos uma sociedade inclusiva sem protegidos e com uma base produtiva real, exportadora, criadora da riqueza que dispensa esmolas.

Claro que não é fácil, implicaria encaminharmos os Açores num rumo muito diferente e mais difícil, com a redução progressiva mas tão rápida quanto possível dos subsídios e rendas, de tudo o que é gastar recursos para manter fidelidades, a maior parte das vezes sem qualquer retribuição ou retorno.

Claro que aqueles a quem fossem retiradas as rendas teriam de redireccionar as suas actividades para outras mais produtivas, ou até começarem a fazer seja o que for.

E talvez seja a altura de vermos alguma transparência na Autonomia com um grande estudo ou auditoria para avaliar o problema como ele é. Que publicaria as contas de cada sector da economia sem disfarçar nada. O que gera de receitas e impostos, o que consome de importações e de subsídios e rendas, o que exporta e como contribui para a riqueza e o emprego e a qualidade desse emprego.

E, claro, teríamos de incluir os organismos do Estado central nessa transparência, quanto custa cada um por ano, que emprego gera e que impostos paga como investe na Região.

Com essa fotografia da verdadeira Autonomia, estaríamos em condições de fazer escolhas bem diferentes para um futuro melhor.

Mas não tenho qualquer ilusão que isso se vá passar, quando uma boa parte do tempo e recursos da Autonomia são gastos justamente a esconder a realidade e portanto tudo isto seja apenas mais um sonho de uma noite de Verão.